

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 354/2015

DUREZA

Recessão, desemprego, tensão política: inevitavelmente vamos ter que enfrentar tudo isso e algo mais. E por um período que vai ultrapassar um ou dois anos. E não adianta muito falar das causas porque não é mais possível mudar nada em relação a elas. Erros do passado já foram cometidos, a economia do mundo vai continuar em retração, e o desabamento das nossas empresas atingidas pelo Lava-Jato também praticamente já se consumou. A Petrobras certamente se recupera, mas com alguma demora; as grandes construtoras dificilmente voltarão a ser o que eram.

A outra causa-efeito daqueles males, a instabilidade política, pensou-se em reduzi-la pela negociação, sem resultados significativos. Ela mesma, a instabilidade política, está ligada à desorganização econômica e de todo o ambiente de indignação com a corrupção que se alastrou avassaladoramente no País, atingindo os três Poderes instituídos, especialmente o Legislativo, com os presidentes das duas Casas indiciados sob forte suspeição.

O tumor tinha de ser erradicado porque ia destruir a Nação. Sei, e todo mundo sabe, que a corrupção faz parte da História do Brasil desde os seus períodos iniciais, e provavelmente em termos de extensão tenha sido mais generalizada naqueles primeiros séculos coloniais, quando os reinóis vinham à Colônia para fazer fortuna rápida e usufruí-la em Portugal. Nada disso agora importa tanto quanto a constatação do espantoso ritmo de crescimento e alastramento que esse processo crônico e venenoso ganhou nas últimas décadas, em volume, em importância, em poder político.

O tumor tinha de ser erradicado. E a nossa História há de creditar esta cirurgia imprescindível ao grupo de juizes, promotores e agentes da Polícia Federal que atuam no Paraná. Como há de registrar que a Presidente Dilma Rousseff sustentou com firmeza todo o processo, nada fazendo para tentar aplacar a fúria investigadora que se abateu especialmente sobre o seu partido, o PT.

A fúria do grupo paranaense, como toda fúria, padece de certa imaturidade e vai cometendo excessos aqui e ali que, ao final, podem vir a prejudicar os julgamentos definitivos. A prisão do Almirante Othon, por exemplo, pegou mal. É um militar de alto conceito ao qual o Brasil deve muitíssimo, pela realização de um feito notável de inestimável importância: o domínio da tecnologia, que ninguém transfere, de enriquecimento de urânio, com a confecção de uma centrífuga que parece melhor do que todas as existentes no mundo. Como também a nova prisão de José Dirceu, que pareceu desnecessária e abusiva.

A fúria despreza, também, os prejuízos que vai causando à economia, com o clima de apreensão, indignação e instabilidade, e o sofrimento de milhares e milhares de brasileiros inocentes atingidos indiretamente por este clima.

Era necessário tudo isso? Sim, podia ter havido mais cautela mas era necessário.

Importa, então, no momento e no enfrentamento, operar no sentido de minorar os efeitos destruidores da ação necessária. Assim, exemplarmente, o tão discutido ajuste fiscal, demandado mais pela política do que pela economia, foi jogado ao mar quando os dados concretos revelaram a

gravidade da retração econômica. Joaquim Levy, elo do ajuste político tentado, usou o bom senso que guarda dentro do seu conservadorismo técnico.

Importa, também, estimular e facilitar iniciativas de outras empresas brasileiras de engenharia de menor porte, no sentido de absorverem e assumirem, na escala possível, o patrimônio técnico e o desempenho daquelas maiores que não conseguirem sobreviver à furiosa ação da Justiça.

Importa, sobretudo, evitar efeitos potencialmente ainda mais desastrosos, de prazo mais longo, praticamente irrecuperáveis. Refiro-me à mudança da legislação da exploração do Pré-sal; refiro-me à descontinuidade na articulação e nas iniciativas dos BRICS; refiro-me à paralisação do avanço da aliança sulamericana da UNASUL; refiro-me ao fim das políticas internas de valorização do trabalho e redistribuição de renda, assim como da necessária presença atuante do Estado desenvolvimentista. Uma presença que precisa crescer ainda para o lado das iniciativas que estão faltando na alavancagem do setor industrial.

Na minha avaliação, pura opinião de velho político, esses efeitos mais graves não ocorrerão, e o Brasil se reencontrará, antes do seu segundo centenário, com o seu destino de dignidade e relevo. Esta é a dimensão de otimismo que faço questão de cultivar no meu espírito, no meio de todo este tiroteio midiático deprimente a que estamos submetidos.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: rsaturninobraga@gmail.com
www.saturninobraga.com.br